Educação como Prática da Liberdade

*Simone Rocha Pereira**

FREIRE, Paulo (1967). **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio.

FREIRE, [1967] 1997, p. 35

O ensaio “Educação como Prática da Liberdade” foi originalmente escrito no exílio de Paulo Freire, em 1965. No livro, Paulo Freire reporta a experiência pedagógica que realizou, antes do Golpe de 1964 – o método de alfabetização de jovens e adultos, no nordeste brasileiro. Escreve também acerca do retrocesso da educação massificadora defendida na ditadura militar.

A obra “Educação como Prática da Liberdade” contém 133 páginas, apresentada por Pierre Furter “PAULO FREIRE ou o Poder da Palavra”. Nela Furter (1967, s/n) ressalta o estilo pedagógico de Freire, o fundamento de toda a sua *práxis* – “a de que o homem foi criado para se comunicar com o mundo”. Para Freire, é preciso propor uma educação que promova a libertação dos homens, uma educação pautada nos princípios da democracia e da justiça – uma pedagogia para homens livres. A introdução da obra “Educação e Política (Reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da Liberdade)” foi escrita por Francisco C. Weffort. Nela, Weffort descreve a indissociabilidade entre Educação e Política e assevera a importân-

* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – Campus Uberaba. Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica Mestrado Profissional em Educação Tecnológica. simone.pereira@uniube.br

cia de uma educação conscientizadora, dialógica e emancipadora, defendida por Freire.

Adiante, o livro nos apresenta “Canção Para os Fonemas da Alegria”, poema escrito por Thiago de Melo, em Santiago do Chile, no verão de 1964, uma dedicatória e um texto de agradecimento, escritos por Freire. Nos dois últimos, se observa o quão valioso é para o autor desenvolver uma relação – com os outros e com o mundo, ancorada no diálogo e no afeto. E assim, como no livro “Conscientização”, escrito em 1979, mais uma vez Freire esboça o amor e o reconhecimento por seus pais, esposa, filhos e “a todos os homens simples do povo, os analfabetos, os quais muito lhe ensinou”. No ensaio, um terceiro texto nos é exibido “Esclarecimento”, escrito por Paulo Freire, em Santiago, na primavera de 1965.

O livro “Educação como Prática da Liberdade” está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo intitula-se: “A Sociedade Brasileira em Transição”; o segundo “Sociedade Fechada e Inexperiência Democrática”; o terceiro “Educação *Versus* Massificação” e o quarto, e último, “Educação e Conscientização”.

No capítulo 1, “A Sociedade Brasileira em Transição”, Freire diz que “as relações que o homem trava no mundo com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal” (FREIRE, 1997, p. 38). O homem é um ser de relações, um ser histórico, político, cultural e social. A sua capacidade de abstrair, de compreender os outros, de compreender o seu tempo, de compreender a si mesmo, o seu meio e de transformar a natureza para obter seu próprio sustento é o que o distingue dos demais animais. Para Freire, “no ato de discernir, porque existe e não só vive, se acha a raiz, [...] atinge o ontem, reconhece o hoje e descobre o amanhã” (FREIRE, 1997, p. 40-41). Pois, “o homem existe – no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se” (FREIRE, 1997, p. 40-41). O homem

tem necessidade de construir a sua própria história, mas não se faz no vazio. Para tornar-se humano, necessita interagir, dialogar com o outro, criar, refletir e se transformar continuamente. O homem, como sujeito político e social, precisa saber do seu valor e do seu papel na sociedade e não apenas estar no mundo para se acomodar e se ajustar. No ato de discernir, o homem é sujeito não só de sua transformação, mas também da sociedade, em união com os outros, com seus pares, inaugura, aos poucos, uma nova história.

Para Freire, “A integração ao seu contexto, resultante de estar não apenas nele, mas com ele, e não a simples adaptação, acomodação ou ajustamento, comportamento próprio da esfera dos contatos, ou sintoma de sua desumanização implica em que, tanto a visão de si mesmo, como a do mundo [...]” (FREIRE, 1997, p. 41).

E o que torna o homem mais humano é a consciência crítica, a consciência de si e dos outros, das relações travadas; essa consciência de liberdade, “por isso, toda vez que se suprime a liberdade, fica ele um ser meramente ajustado ou acomodado. E é por isso que, minimizado e cerceado, acomodado a ajustamentos que lhe sejam impostos, sem o direito de discuti-los, o homem sacrifica imediatamente a sua capacidade criadora” (FREIRE, 1997, p. 42). Freire nos traz que: “uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir” (FREIRE, 1997, p. 41). Uma parte da humanidade está paralisada, dominada, ajustada à realidade de opressão à qual está submetida, e não tem sequer consciência disso.

Segundo Freire, “se todo Trânsito é mudança, nem toda mudança é Trânsito [...]” (FREIRE, 1997, p. 46). A história do nosso país evidencia um jogo de opressão e exploração, desde o Brasil colônia, seguindo para o império e o republicano; não houve interesse por parte dos colonizadores em contribuir com o crescimento da nação, mas sim, obter meios ilícitos e explorá-la. A História nos traz que a Educação sempre foi objeto de disputas e discussões e,

no Brasil, não foi diferente, de um lado a educação foi vista como um objeto de massificação e, de outro como um objeto de problematização – para a conscientização e formação de homens livres. A Ditadura Militar no Brasil foi um momento obscuro na história do nosso país, em que essa massificação ficou mais evidente.

No capítulo 2, “A Sociedade Fechada e a Inexperiência Democrática”, observa-se que o Brasil passava por um momento de transição, de uma sociedade rural para uma sociedade mais urbana e industrial, por isso necessitava de uma educação que pudesse atender a contento às necessidades do povo para que este pudesse exercer a sua cidadania e usufruir de uma vida mais plena. Por isso, podemos destacar o sucesso e o reconhecimento da proposta pedagógica de Paulo Freire – uma educação voltada para a conscientização, para a democracia e para o diálogo. Entretanto, com a Ditadura a Educação de Paulo Freire viu-se ameaçada. Outro aspecto relevante é como os governos militares se tornaram populares.

Segundo Freire, “O grande perigo do assistencialismo está na violência do seu antidiálogo, que, impondo ao homem mutismo e passividade, não lhe oferece condições especiais para o desenvolvimento ou a “abertura” de sua consciência que, nas democracias autênticas, há de ser cada vez mais crítica” (FREIRE, 1997, p. 56). O estudioso vê no assistencialismo um grande perigo, porque transforma a figura do Estado num grande pai. O Estado como pai social se mascara como algo sublime, que dá aos pobres algo similar a uma esmola. Um Estado assistencialista e paternalista, comandado por políticos considerados mitos, necessita da ignorância da população, por isso não investe numa educação eficaz, crítica, que desenvolva a consciência.

Para o autor, “assistencialismo, ao contrário, é uma forma de ação que rouba ao homem condições à consecução de uma das necessidades fundamentais de sua alma – a responsabilidade” (FREIRE, 1997, p. 57). A partir do momento que o homem se acomoda a depender do Estado, ele se aliena, porque vive a incapacidade de não viver de seu sustento. O homem dependente de outro homem

ou de uma classe torna-se subordinado, inclusive intelectualmente, porque desiste de encarar os desafios intelectuais e laborais que a liberdade nos impõe. Segundo Freire, “Realmente o Brasil nasceu e cresceu dentro de condições negativas às experiências democráticas” (FREIRE, 1997, p. 66). Desde as sesmarias, sempre houve o poder do mando; tivemos uma sociedade escravocrata; depois do coronelismo. Durante a história brasileira, não houve um fomento à democracia, à participação popular e isso formou as classes subjugadas. E só seria possível reverter esse quadro, por meio de uma Educação Libertadora.

No terceiro capítulo, “Educação *Versus* Massificação”, Freire explica “estávamos convencidos e estamos, de que a contribuição a ser trazida pelo educador brasileiro à sua sociedade em “partejamento”, ao lado dos economistas, dos sociólogos, como de todos os especialistas voltados para a melhoria dos seus padrões, haveria de ser a de uma educação crítica e criticadora” (FREIRE, 1979, p. 89). Para Freire, os subordinados devem entender a sua condição de subordinação, compreender as relações em que estão inseridos e isso só será possível se tiverem uma educação que em sua essência for crítica. Nas palavras do autor: “[...] uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática” (FREIRE, 1979, p. 89).

No quarto capítulo, “Educação e Conscientização”, Freire narra seu método de alfabetização para adultos e o termina com os seguintes dizeres: “A medida em que falamos à juventude brasileira, a homens simples do povo, a intelectuais, a especialistas e entendíamos o nosso trabalho, se lançavam contra nós as mais ridículas acusações [...]” (FREIRE, 1979, p. 121). E, continua: “O que nos amargurava não era outra coisa senão a ameaça dos irracionalismos à nossa destinação democrática, anunciada na transição brasileira” (FREIRE, 1979, p. 121). Nada mais esperado e natural as acusações a Paulo Freire, pois seus escritos e seu ideal de Educação Libertadora em muito contrariavam os donos do poder. Um povo com uma educação eficaz muito pode em relação à transformação social, por isso o educador naquela época já era uma ameaça.

Percebemos que a obra extremamente complexa aponta um viés histórico antes e pós-ditadura militar. Apresenta muitos conceitos e expressões criados por Freire. Indicamos o livro a todos os educadores, por promover uma nova forma de tomar consciência de si e da educação, do papel do educador e do seu compromisso com a formação humana e intelectual dos educandos. Infelizmente, consideramos que pouco evoluímos, desde o momento da publicação da obra e, como Paulo Freire falou, continuamos mostrando idas e vindas na conquista da democracia brasileira.

Submetida em: 17-10-2019

Aceita em: 16-11-2019